

Solistas da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

25 Jul 2020
18:00 Sala Suggia

QUINTETO DE METAIS

José Bernardo Silva trompa
Ivan Crespo trompete
Luís Granjo trompete
Severo Martínez trombone
Sérgio Carolino tuba

Claudio Monteverdi (edição Raymond Mase)

Quatro Madrigais (1603/1997; c.13min)

1. *Si ch'io vorrei morire*
2. *Non più guerra, pietate*
3. *Ah, dolente partita*
4. *Quell augellin che canta*

Thomas Simpson*/William Brade** (edição Raymond Mase)

Uma Suite de Danças do século XVII (?/1997; c.5min)

1. *Intrada**
2. *Pavane***
3. *Galliard**
4. *Galliard***
5. *Pavane**
6. *Galliard***

Giles Farnaby (edição e arranjo de Elgar Howarth)

Fancies, Toyes and Dreams (c.1606-19/1975; c.8min)

1. *The Old Spagnoletta*
2. *His Rest*
3. *Tell mee Daphne*
4. *A Toye*
5. *His Dreame*
6. *The New Sa-hoo*

OCTETO DE CORDAS

Radu Ungureanu violino
Emilia Vanguelova violino
Tatiana Afanasieva violino
Lilit Davtyan violino
Jean-Loup Lecomte viola
Theo Ellegiers viola
Feodor Kolpashnikov violoncelo
Hrant Yeranosyan violoncelo

Felix Mendelssohn

Octeto de cordas em Mi bemol maior, op. 20 (1825; c.30min)

1. *Allegro moderato ma con fuoco*
2. *Andante*
3. *Scherzo: Allegro leggierissimo*
4. *Presto*

Claudio Monteverdi

CREMONA, 1567 – VENEZA, 1643

Quatro Madrigais (edição de Raymond Mase)

“Oracolo della musica” (Oráculo da música) foi o epíteto que os contemporâneos de Claudio Monteverdi lhe deram logo após o seu falecimento. O músico italiano alcançou, em vida, um estatuto de celebridade, de autoridade musical tanto no seu país natal como no continente europeu.

Uma das formas musicais em que Monteverdi se destacou foi o madrigal, uma composição vocal polifónica, com texto profano, normalmente de carácter sentimental ou erótico, que pode ou não ter acompanhamento instrumental. Os oito livros de Madrigais que publicou ao longo de 49 anos, entre 1589 e 1638 (Monteverdi comporia mais um livro, o nono, editado porém a título póstumo, em 1651), reflectem a sua extraordinária contribuição para a evolução e a transformação daquele género musical. Os quatro madrigais que abrem o concerto de hoje pertencem ao Quarto Livro, que Monteverdi fez editar em Veneza, em 1603. Foram escritos para 5 vozes a *cappella* (sem acompanhamento de instrumentos) à semelhança dos três livros anteriores. O hiato de onze anos que mediou entre o Terceiro e o Quarto Livro (e que muito intrigou os estudiosos) explica-se pela mudança de Monteverdi para Mântua, em 1590-91, contratado como violonista/violetista da Capela Musical do Duque de Mântua; pela viagem à Hungria e à Flandres em 1592, integrado no séquito do seu patrono; e pela ida para Ferrara por ter sido preterido para o lugar de Mestre de Capela, posto que finalmente ocupa em 1601.

A estada em Mântua proporcionou-lhe o contacto com o flamengo Giaches de Wert, que se tornaria seu mestre e foi o grande responsável pela audácia, pelo experimentalismo e pela expressividade que os cerca de 30 madrigais do Quarto e do Quinto Livro (este último publicado em 1605) passaram a exhibir e que correspondem ao apogeu e à maturidade de Monteverdi nesta forma musical. O teórico Giovanni Maria Artusi, acérrimo defensor das regras tradicionais da música e da composição, publicou em 1600 a obra *Delle imperfettioni della moderna musica* (Das imperfeições da música moderna) onde criticou severamente alguns dos madrigais de Monteverdi por contrariarem “os santos princípios relativos ao compasso e ao objectivo da música”. O compositor defendeu-se argumentando que o seu estilo de composição era um estilo novo, mais moderno, que se regia por regras e objectivos distintos, ao qual chamou *Seconda Pratica*. Para Claudio Monteverdi, “a música [vocal] tem por objectivo a perfeição da melodia e, assim sendo, a harmonia torna-se escrava do discurso, e o discurso amo e senhor da harmonia”.

O musicólogo francês Philippe Beaussant salienta a profunda e perfeita ligação da música com o texto nos madrigais do Quarto Livro, aonde pertencem os quatro que preenchem o programa de hoje. “Monteverdi dedica-se agora a mudar de estilo em cada poema”, afirma Beaussant; “dentro de cada madrigal, muda de escrita de acordo com aquilo que é dito, no próprio instante em que se diz”. Com excepção da alegria graciosa que transmite *Quell’augelin che canta* na descrição que faz de um rouxinol a

cantar, os restantes três madrigais centram-se nas vicissitudes do amor. *Si, ch’io vorrei morire* retrata a sensualidade e o erotismo presentes entre dois amantes; *Non più guerra, pietate* aborda os conflitos que o amor pode gerar; e *Ah, dolente partita* é sobre a tristeza profunda que provoca a partida de um ente querido.

Estes quatro madrigais vão ser interpretados num arranjo para metais que o trompetista norte-americano Raymond Mase efectuou em 1997. Professor na prestigiada The Julliard School, Mase foi durante 40 anos membro do Quinteto de Sopros Americano, para o qual adaptou e editou variadíssimas obras dos séculos XVI, XVII e XIX.

Thomas Simpson

KENT, 1582 – COPENHAGA, C.1630

William Brade

INGLATERRA, 1560 – HAMBURGO, 1630

Uma Suite de Danças do século XVII (edição de Raymond Mase)

Thomas Simpson e William Brade são dois compositores ingleses da transição do séc. XVI para o séc. XVII que exerceram toda a sua actividade profissional na Alemanha e na Dinamarca. Nascidos com 12 anos de diferença (Brade é mais velho), trabalharam ambos como violinistas na corte do rei Christian IV, em Copenhaga (Dinamarca), e na corte do duque Ernst III de Holstein-Schaumburg, em Bückeberg (Alemanha). Simpson exerceu ainda funções na corte de Heidelberg, enquanto Brade deambulou por várias cidades alemãs — como Gottorp, Halle, Güstrow, Berlim e Hamburgo. A produção musical de ambos é toda ela dedicada à música para conjuntos instrumentais. Thomas Simpson publicou, entre 1610 e 1621, três volumes de obras suas originais ou arranjos de obras de outros colegas ingleses. A William Brade é atribuída a autoria da primeira obra para violino solo composta por um inglês.

A suite de danças que integra o programa de hoje é um arranjo efectuado em 1997 por Raymond Mase para o Quinteto de Sopros Americano, que intercala peças de Thomas Simpson e William Brade. A *Intrada* (palavra italiana que significa *entrada*) é, como o próprio nome indica, uma peça que tem como propósito abrir a suite. Seguem-se duas danças — *Pavane* e *Galliard* — que nas suites do séc. XVII costumavam andar emparelhadas por serem contrastantes. A *Pavane* (Pavana, em português) é uma dança de andamento lento e compasso quaternário, mas com um carácter faustoso e solene. A *Galliard* (Galharda, em português) é uma dança viva, em compasso ternário.



Giles Farnaby

TRURO, 1563 – LONDRES, 1640

Fancies, Toyes and Dreams

(edição e arranjo de Elgar Howarth)

A mais completa colectânea de música de tecla do período isabelino inglês é o *Fitzwilliam Virginal Book*. Copiado por Francis Tregian entre 1609 e 1619, este manuscrito contém cerca de 300 obras compostas entre finais de quinhentos e inícios de seiscentos, a maioria das quais são de compositores ingleses. Danças, arranjos de canções populares, arranjos de madrigais, fantasias e prelúdios são alguns dos géneros musicais presentes nas obras coligidas por Tregian. Dois terços dessas obras foram escritas por quatro compositores, todos ingleses: William Byrd, John Bull, Peter Philips e Giles Farnaby.

Farnaby é talvez o mais *ousider* dos quatro devido ao seu percurso profissional. Nascido numa família de marceneiros, seguiu a mesma profissão, como era tradição na época. Como o seu tio Nicholas se havia especializado em construir virginais (um instrumento de tecla de corda beliscada muito popular em Inglaterra nos séculos XVI e XVII), Farnaby juntou-se a ele. Todavia, contrariou os códigos da sociedade isabelina ao se licenciar em música pela Universidade de Oxford, em 1592. É por isso espantoso que praticamente toda a música de tecla de Giles Farnaby esteja contida no *Fitzwilliam Virginal Book*, como é o caso das seis peças que compõem a suite *Fancies, Toyes and Dreams*. Foi Elgar Howarth, trompetista, compositor e maestro, uma figura conspícua da vida musical inglesa da actualidade, quem as agrupou e as adaptou para quinteto de metais. São seis peças curtas, bastante diferentes entre si, entre as quais está uma galharda (*His Rest*) e uma antiga dança de roda, viva e animada (*The Old Spagnioletta*).

Felix Mendelssohn

HAMBURGO, 1809 – LEIPZIG, 1849

Octeto de cordas em Mi bemol maior, op. 20

Felix Mendelssohn contava apenas 16 anos de idade quando compôs o Octeto de cordas em Mi bemol maior, op. 20, uma das obras-primas do repertório de câmara da história da música ocidental. Datada de 15 de Outubro de 1825, a obra que encerra o concerto de hoje foi composta para ser dedicada e oferecida como presente de aniversário ao seu professor de violino, Eduard Rietz, um destacado violinista e maestro alemão. Rietz e Mendelssohn desenvolveram uma sólida relação de amizade que ultrapassou largamente a dimensão pedagógica e que se manteve até ao falecimento precoce de Rietz, de tuberculose, em 1832, com 30 anos de idade. Para além do Octeto, Mendelssohn dedica ao seu professor e amigo o Concerto n.º 1 para violino e orquestra em Ré menor (1821-23) e a Sonata para violino em Fá menor, op. 4 (1823).

É absolutamente surpreendente ver um jovem de 16 anos conceber uma obra de câmara para 8 instrumentos, tendo em conta que, até aquela altura, havia muito poucas obras semelhantes. O Septeto em Mi op. 20 que Beethoven compôs em 1800 e o

Octeto em Fá que Franz Schubert escreveu quatro anos depois envolviam instrumentos de cordas e de sopro. O alemão Ludwig Spohr, contemporâneo de Mendelssohn, compôs em 1823 o primeiro de três Quartetos de Cordas Duplos, op. 65, estreado nesse mesmo ano e seguramente escutado por Mendelssohn. Mas a denominação da obra de Spohr não deixa dúvidas quanto ao tratamento que ele dá aos instrumentos: são dois quartetos de cordas distintos que dialogam e interagem musicalmente sem nunca se misturarem.

Mendelssohn, porém, tinha ideias muito claras quanto ao tratamento que pretendia dar aos 4 violinos, 2 violas e 2 violoncelos: “Este Octeto deve ser tocado por todos os instrumentos ao estilo de orquestra sinfónica. *Pianos* e *fortes* devem ser rigorosamente observados e mais enfatizados do que o habitual em peças deste tipo.” A virtuosística parte do 1.º violino é claramente escrita a pensar em Eduard Rietz e na sua proficiência técnica.

A sequência de harpejos do primeiro violino, sustentados por trémulos e síncopas nos restantes violinos, violas e primeiro violoncelo, marca a tensão e o desassossego que caracterizam o primeiro andamento — *Allegro moderato ma con fuoco*. É escrito na forma sonata, com os habituais dois temas contrastantes — o quarto violino e a primeira viola introduzem o segundo tema, melancólico e sombrio. O desenvolvimento deste andamento tem a particularidade de explorar exaustivamente o contraste de texturas e de dinâmicas.

O segundo andamento, *Andante*, é uma belíssima siciliana que deambula em eternas e etéreas modulações.

É Fanny Hensel, irmã de Felix Mendelssohn, quem nos diz que o *Scherzo: Allegro leggerissimo* é inspirado num excerto da famosa obra literária *Fausto* de Goethe, mais concretamente na última estrofe da *Noite de Santa Valburga (Walpurgisnacht)*: “Rastos de nuvens e véus de névoa/Iluminam-se nas alturas/O ar passa na folhagem, o vento nos juncos/E tudo se desvanece”. É ainda Fanny Hensel, também ela uma excelente compositora, que dá a conhecer a intenção do seu irmão para este *scherzo*: “Todo o andamento deve ser executado em *staccato* e *pianissimo*, com os trémulos a aparecerem de forma intermitente, os trilos a surgirem com a rapidez de um relâmpago, tudo é novo e estranho, mas ao mesmo tempo sedutor e agradável. Sentimo-nos perto do mundo dos espíritos, levados pelo ar e inclinados a montar num cabo de vassoura e seguir essa alegre *troupe*”. Vale a pena salientar que o manuscrito autógrafa deste andamento não apresenta qualquer rasura ou correcção, o que significa que Mendelssohn o criou num momento de total inspiração. E ficou de tal modo agradado que, no ano seguinte, escreveu uma versão para orquestra que utilizou para substituir o *minueto* da sua Sinfonia em Dó menor, op. 11, quando esta foi estreada em Londres em 1829.

O Octeto em Mi bemol maior, op. 20, termina de forma apoteótica com uma fuga a oito vozes. É o segundo violoncelo quem introduz o tema do *Presto* final, uma longa mas rapidíssima frase ascendente, em colcheias, que surge no registo mais grave do instrumento e percorre de imediato os restantes instrumentos, um a um. Perto do final, surge o tema do *scherzo*, mas rapidamente regressam as colcheias da fuga para concluir o Octeto de forma avassaladora.

ANA MARIA LIBERAL, 2020

José Bernardo Silva trompa

Natural do Porto, José Bernardo Silva estudou na Escola Superior de Música de Lisboa (classe de Jonathan Luxton) e na Hochschule für Musik em Hamburgo (com Ab Koster). Foi-lhe atribuída uma bolsa de mérito pelo Instituto Politécnico de Lisboa e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi galardoado com o 1.º Prémio no Concurso Internacional Philip Farkas da Sociedade Internacional de Trompistas em Lahti (Finlândia), em 2002.

É solista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Como músico convidado, apresentou-se com todas as principais orquestras portuguesas e várias internacionais. Tocou como solista, em recital, em música de câmara e em orquestra em vários países, tais como Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda, Polónia, Alemanha, Inglaterra, Finlândia, Luxemburgo, República Checa, Rússia, Brasil e México.

É professor na Universidade de Aveiro, na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto (ESMAE) e na Escola Profissional de Música de Espinho. É regularmente convidado para júri de concursos nacionais e internacionais (Portugal, Espanha e Finlândia).

A sua discografia conta com vários trabalhos a solo, em música de câmara e como músico de orquestra. Tem mantido um relacionamento estreito com vários compositores no sentido de alargar o repertório original para o instrumento, estreando inúmeras obras. Compositores como Anne Victorino d'Almeida, Sérgio Azevedo, Telmo Marques, Luís Carvalho e Liduíno Pitombeira dedicaram-lhe obras.

É membro fundador do Trompas Lusas, quarteto que se apresenta com frequência em concertos em Portugal e no estrangeiro. Em 2019 foi eleito membro do Conselho Consultivo da International Horn Society. É artista Dürk-Horns e Romera Brass.

Ivan Crespo trompete

Ivan Crespo nasceu em Lalin (Espanha), onde iniciou os estudos de trompete. Prosseguiu-os no Conservatório Superior de Música da Corunha e concluiu-os com o Prémio Fim de Carreira. Estudou com o professor e solista John Aigi Hurn. Ingressou na Escola de Altos Estudos Musicais, onde estudou com Javier Simo Echarte.

Foi membro e colaborador da Orquestra de Jovens da Galiza, da Orquestra de Jovens Nacional da Espanha, da Orquestra de Schleswig-Holstein (Alemanha), da Athelas Sinfonietta (Copenhaga), da Orquestra Sinfónica de Galiza, da Orquestra Sinfónica de Bilbao, da Orquestra Sinfónica de Navarra, da Orquestra Sinfónica de Tenerife e da Orquestra Clássica da Madeira.

Actualmente é Solista A de Trompete na Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Luís Granjo trompete

Luís Granjo é natural do Troviscal (Oliveira do Bairro). Estudou no Conservatório de Música de Aveiro com José Ferreira, Rui Brito e Kevin Wauldron, e na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto. Foi premiado no Concurso para Jovens Solistas em Purmerend (Holanda, 1998) e no 1.º Concurso de Trompete de Castelo de Paiva, em 1999. Em 2000, com o Capela Brass Quintet, ganhou o 1.º Prémio no Concurso de Música de Câmara de Neerpelt (Bélgica).

Foi 1.º trompete da Orquestra Metropolitana de Lisboa, da Orquestra da Federação Académica do Porto e da Orquestra Jazz de Matosinhos. Realizou vários recitais com piano, órgão, quinteto de metais, orquestra e outras formações por todo o país.

Com a União Filarmónica do Troviscal, participou na Conferência da WASBE (World Association for Symphonic Bands and Ensembles) em Taiwan, em 2011, onde estreou mundialmente o Concerto para trompete e banda *Wind* de João Madureira. Em 2014, foi laureado com o 1.º Prémio Golden Star — Fundación Excelentia no concurso internacional TrumpetLand Stars em Valência. Em 2016 foi solista convidado do primeiro concerto da Orquestra Académica da Universidade de Coimbra e foi distinguido com o Prémio Cultura na Gala de Mérito da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro/Jornal da Bairrada. Em 2020, apresentou o Concerto para trompete de Alexander Aroutunian com a Orquestra de Sopros do DeCA (Universidade de Aveiro).

Orienta workshops, masterclasses e estágios, e integrar júris em concursos de todo o país. É instrutor na Universidade de Aveiro, professor no Conservatório de Música do Porto e trompete solista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Severo Martínez trombone

Natural de Dolores (Alicante), Severo Martínez iniciou os estudos musicais com Mariano Rodríguez Valdés, seguindo trombone nos Conservatórios de Elche e Múrcia com Gabriel García e Mario Calvo. Prosseguiu a sua formação na Escola Superior de Música de Freiburg, com Branimir Slokar, concluindo o curso com as máximas classificações. Recebeu o 1.º Prémio da Hochschulwettbewerb de Leipzig, em 1998. Em 2002 obteve o 1.º Prémio no Concurso Internacional de Trombone “Branimir Slokar” em Grenchen (Suíça). Foi bolseiro da Fundação Alexander von Humboldt (Bona, Alemanha) e do Ministério de Educação e Cultura espanhol.

Integrou orquestras de jovens como a EUYO (Orquestra de Jovens da União Europeia) e a Gustav Mahler Jugendorchester, com as quais realizou várias digressões internacionais e onde teve a honra de trabalhar com maestros como Claudio Abbado, Seiji Ozawa e Franz Welser-Möst.

Colaborou com diversas orquestras, das quais se destacam a Orquestra Sinfónica da Galiza, a Orquestra del Palau de Les Arts de Valência, a Orquestra Filarmónica do Luxemburgo, o Ensemble Les Dissounances Paris e a Sinfónica da Rádio de Berlim. Actualmente é professor de trombone na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto e, desde 2001, chefe do naipe de trombone da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Sérgio Carolino tuba

A reputação internacional de Sérgio Carolino estabeleceu-se pelo seu eclectismo, que vai desde a interpretação do repertório *standard* e contemporâneo para tuba e à abordagem estilística ao jazz, ao funk e à música totalmente improvisada. É um dos mais aclamados tubistas, com actividade constante na qualidade de solista e professor nos mais conceituados festivais, conservatórios e universidades dos cinco continentes. Recebeu, em cinco ocasiões, o Roger Bobo Award Prize (2008, 2010, 2012, 2014 e 2019), o Prémio de Músico Revelação de Jazz em Portugal (2004), o Prémio Carlos Paredes (2004) e o Prémio SPA (2013) na categoria de música erudita (pelas obras editadas em 2012 e pela acção divulgadora da música portuguesa pelo mundo).

Alguns dos seus projectos são TGB, TUBAX Duo, TUBAB Duo, R'B & Mr.SC, The Postcard Brass Band, XL Duo, Surrealistic Discussion, Duo AR., SubWoof3r, Tuba&Drums Double Duo, Duo Adamastor, Funky Bones Factory!, Yamaha Tuba Duo, Moderato Tangabile, T'N T "Tuba 'n Tuba", Mr. SC & The Wild Bones Gang, European Tuba Trio, Massive Brass Attack!, Intergalactic Vibes! e Crossfade Ensemble.

Desde 2002, é tuba solo (principal) da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Artista Internacional Yamaha e, desde Junho 2020, professor de tuba e de criatividade musical na Musical Arts Madrid. É artista exclusivo da Plataforma Artística Palco Improvisado. Foi professor convidado durante um semestre na Indiana University — Jacobs School of Music, Bloomington (EUA). É professor na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo (ESMAE) e Director Artístico do GRAVÍSSIMO! — Festival e Academia Internacional de Metais Graves de Alcobaça.

Sérgio Carolino toca exclusivamente com bocais com a sua assinatura do atelier Brass.Lab MoMo (Osaka, Japão) e com a surdina Mushroom Cup Mute desenhada e concebida por si e fabricada pelo austríaco Johann Schlipfnger.

Radu Ungureanu violino

Radu Ungureanu concluiu a licenciatura em violino na Escola Superior de Música C. Porumbescu de Bucareste com classificação máxima, tendo como professores Varoujan Coziguijan e Avy Abramovici. Participou em masterclasses orientadas por Yury Yankelewitch, Ralph Evans, Ruben Gonzales e pelos membros dos quartetos Amadeus, Smetana, Tatraï, Alban Berg e Fine Arts.

Como solista, maestro ou integrado em grupos de música de câmara, actuou em França, Holanda, Alemanha, Bélgica, Itália, EUA, EAU, Espanha, Inglaterra, Hungria, Bulgária, Portugal e Roménia. Participou em festivais internacionais em cidades como Amesterdão, Cagliari, Ferrol, Colónia, Kerkrade, Belfort, Pyongyang, Açores, Lisboa, Coimbra, Aveiro, Paços de Brandão, Vila Real, Gaia, Bucareste, Oradea, Constança, Bacau, Braşov, etc.

Apresentou a integral das Seis Sonatas e Partitas para violino solo de Bach na Casa da Música (2009) e no Ateneu Romeno de Bucareste (1985), assim como a integral dos Quartetos de Beethoven (Aula Magna de Bucareste, 1987) e de Mozart (Sala Radio-Bucareste, 1989-1990).

Paralelamente integra o Quarteto Douro, fundado em 2008, o seu sétimo grupo deste género. Promoveu arduamente a música contemporânea, actuando em formações como Música Nova (Roménia) e Oficina Musical (Portugal). É dedicatário de obras de Wilhelm Berger, Zeno Vancea, Cristian Petrescu, Christian Berger, Virgílio Melo, entre outros.

Escreveu, entre outras obras, um ciclo de Caprichos para violino solo dedicado a vários violinistas portugueses. É doutorado em música pela Universidade de Aveiro, com um tema centrado na obra para violino solo de Bach. Actualmente é Concertino Assistente da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, professor adjunto na ESMAE e Director e Maestro da orquestra de cordas Camerata NovNorte. É membro fundador do Quarteto Douro e músico ao serviço de Portugal.

Emilia Vanguelova violino

Violinista de origem búlgara, Emilia Vanguelova concluiu o mestrado na Academia Nacional de Música de Sófia (Bulgária), na classe do conceituado professor e compositor Petar Hristoskov. Desde muito jovem ganhou vários prémios e concursos.

Iniciou a sua carreira profissional como Concertino da Orquestra de Música da Câmara Orpheus, seguindo-se o lugar de Concertino Assistente na Orquestra Sinfonietta da Rádio Nacional Búlgara. Em Portugal, participou em inúmeros recitais e concertos, integrando orquestras como a Nova Filarmonia Portuguesa. Liderou o quarteto Metrópolis — Orquestra Metropolitana de Lisboa. Foi professora de violino no Conservatório de Música da Coimbra, Escola Profissional de Música de Espinho, entre outros.

Actualmente é 1.º violino na Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e lecciona no Conservatório de Música do Porto. No seu percurso como violinista, realizou várias digressões na Europa, no Brasil e no Japão.

Tatiana Afanasieva violino

Tatiana Afanasieva nasceu em Moscovo. Aos 6 anos começou estudar violino na Escola de Música Gnessin. Em 1981 ganhou o 1.º Prémio e Grand Prix no Concurso Internacional Juvenil "Concertino Praga", em música da câmara, após o qual realizou uma tournée na República da Checoslováquia. Continuou os estudos no Instituto Musical e Pedagógico Gnessin, na classe de M. Russin.

Trabalhou na Orquestra Sinfónica Estatal de Moscovo e depois na Orquestra de Câmara Kremlin, com as quais realizou digressões em Itália, França, Alemanha, Espanha, Grécia, Egipto, Suécia, EUA, Japão e Coreia do Sul. Entre 1994 e 2001, trabalhou na Orquestra Metropolitana de Lisboa, como chefe de naipe dos 2.ºs violinos e professora da Academia Nacional Superior da Orquestra. Realizou inúmeros concertos de música da câmara e recitais a solo em Portugal e Espanha. Colaborou com a Orquestra Ciudad de Granada.

Desde Setembro de 2001, é violinista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, como Solista B dos 2.ºs violinos. É professora de violino no Conservatório de Música do Porto.

Lilit Davtyan violino

Lilit Davtyan completou os estudos musicais na Escola Superior do Estado de Yerevan com Artashes Mkrtchyan (1.º violino do quarteto de Aram Khatchaturian) com a mais alta classificação. Durante 10 anos foi membro da Orquestra de Câmara “Serenade” e participou em tournées em vários países tais como: Alemanha, Grécia, Holanda, França, Suíça, Áustria e Itália. Em 1995 obteve o 1.º Prémio no Concurso Internacional Bucchi, em Itália. Tocou a solo com a Orquestra “Serenade”. Durante vários anos foi violinista do Trio “Yerevan”, com o qual participou em tournées na Alemanha, nos EUA e no Canadá juntamente com o Else Klink Ensemble “Eutythmeum”. Este Trio foi laureado nos Concursos Republicanos para formações de câmara.

Desde 2001 é violinista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, onde participa regularmente em projectos de música de câmara.

Jean-Loup Lecomte viola

Natural da França, Jean-Loup Lecomte estudou viola d’arco com Lucien Morué, Emil Cantor, Serge Collot e Stephan Kamasa. Em 1986 ingressou na Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse e ensinou interinamente no Conservatório de Música da mesma cidade.

Imigrou para Portugal em 1989 para integrar sucessivamente a Orquestra do Porto, a Régie Sinfonia, a Orquestra Clássica do Porto, a Orquestra Nacional do Porto e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Leccionou viola d’arco no Conservatório de Música do Porto entre 1992 e 2012. Paralelamente, desenvolveu uma actividade ecléctica com vários ensembles de música de câmara: Quarteto do Porto, Quarteto Lusarte, Soave Ensemble, Porto Galante, D’amore Ensemble e Quarteto Divertimento. Recentemente foi convidado para colaborar com o conceituado Quarteto Douro.

Theo Ellegiers viola

Theo Ellegiers é natural de Hilversum, Holanda. Estudou no Conservatório de Música de Utrecht (1975-79) e no Conservatório Real de Música de Haia (1979-1982) com Jurgen Kussmaul e Nobuko Imai. Estudou música de câmara com Rostislav Dubinsky.

Em 1982 assumiu funções de chefe de naipe na Orquestra Cidade de Valladolid em Espanha. Em 1994, integrou a Orquestra Nacional do Porto, actualmente Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Foi professor de viola de arco no Conservatório de Música de Coimbra e, desde 1998, integra a Orquestra de Câmara Instituto Jean Piaget. Colaborou com as orquestras da Rádio e Televisão Holandesa, a Orquestra Filarmónica da Holanda, a Sinfónica de Madrid e a Orquestra Nacional de Espanha.

Feodor Kolpashnikov violoncelo

Feodor Kolpashnikov cresceu numa família de músicos profissionais. Completou os estudos musicais no Conservatório Tchaikovski de Moscovo, na classe de Maria Tchaikovskaja. A sua carreira tem-se projectado por vários países da Europa, nomeadamente Rússia, Alemanha, Suíça, Itália e Portugal.

Ingressou na Orquestra Sinfónica de Moscovo (1996-99) com o maestro titular António de Almeida, tendo desempenhado funções de solista. Manteve estas funções na Philharmonie der Nationen sob a direcção de Justus Frantz, na Alemanha (1999-2000). Para além da actividade como músico de orquestra, a sua carreira tem-se desenvolvido também na vertente solista/música de câmara, integrando variadíssimas formações tais como duos, trios e quartetos de cordas, quartetos e octetos de violoncelos, orquestras de câmara, etc. Tem uma vasta experiência em quartetos de cordas tendo tocado em vários países europeus nas mais prestigiadas salas de concerto, tais como a Filarmónica de Munique. Actualmente é solista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Hrant Yeranossyan violoncelo

Natural da Arménia, Hrant Yeranossyan completou os estudos musicais em 1999 no Conservatório Superior do Estado de Yerevan. Fez o mestrado no mesmo Conservatório com Felix Simonyan (violoncelista do famoso quarteto Komitas). Participou nas masterclasses de Steven Isserlis e Natalia Shakovskaya.

Foi membro da Orquestra Sinfónica do Estado e da Orquestra de Câmara de Yerevan. Em 1990, foi premiado no Concurso Internacional de Jovens Músicos de Artek (URSS). De 1991 a 1998, foi chefe de naipe da Orquestra de Câmara “Serenade”, com a qual participou em tournées em França, Alemanha, Grécia, Holanda, Suíça, Áustria e Itália. Tocou com orquestra como solista. Entre 1996 e 2001 pertenceu ao trio Yerevan, com o qual gravou um CD e fez uma tournée aos EUA e Canadá.

Foi premiado em vários concursos, destacando-se o 1.º prémio no Concurso Internacional V. Bucchi (Itália, 1995) e uma Menção Honrosa e o Prémio Especial do Júri no 4.º Concurso Internacional Júlio Cardona.

Desde 2001, é membro da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. É professor de violoncelo na Escola da Música São Teotónio em Coimbra e no CLIP.